

Raysa Deberaldini Hatya

**Patrimônios da Fé: A Festa de Santo Antônio do Suru como patrimônio
imaterial do município de Santana de Parnaíba- SP**

CELACC/ECA-USP

2014

Raysa Deberaldini Hatya

**Patrimônios da Fé: A Festa de Santo Antônio do Suru como patrimônio
imaterial do município de Santana de Parnaíba- SP**

Trabalho de conclusão do curso de pós graduação
em Gestão em Projetos Culturais, do Centro de
Estudos Latino- Americanos sobre Cultura e
Comunicação, produzido sob orientação do Professor
Dr. Dennis de Oliveira

CELACC/ECA-USP

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao CELACC e ao prof. Dr. Dennis de Oliveira pela oportunidade de fazer este trabalho.

A minha família pelo o apoio que recebo todos os dias, para finalizar mais uma etapa tão importante em minha vida.

E ao CEMIC – Centro de Memória e Integração Cultural de Santana de Parnaíba pela colaboração.

Patrimônios da Fé: A Festa de Santo Antônio do Suru como patrimônio imaterial do município de Santana de Parnaíba- SP

Raysa Deberaldini Hatya¹

RESUMO

O presente artigo propõe a defesa da Festa de Santo Antônio do Suru como patrimônio imaterial do município de Santana de Parnaíba – SP. Para atingir os objetivos propostos, foi realizada pesquisa qualitativa, utilizando-se entrevistas semi-estruturadas, fotografias e diário de observação. Com as modificações ocorridas através do tempo, a festa perdeu algumas de suas tradições, mas a manifestação faz parte da identidade da comunidade, tomando proporções que vão além de Parnaíba. Sendo assim, a festa constitui-se em um futuro atrativo turístico da cidade e um instrumento de desenvolvimento social e econômico.

Palavras chaves: Festa de Santo Antônio do Suru; Santana de Parnaíba; Patrimônio Imaterial; Festa popular.

RESUMEN

Este trabajo propone una defensa de la Fiesta de San Antonio de Suru como patrimonio inmaterial del municipio de Santana de Parnaíba - SP. Para lograr los objetivos propuestos, la investigación cualitativa se realizó a través de entrevistas semiestructuradas, diarios de observación y fotografías. Con los cambios que ocurren a través del tiempo, el partido perdió algunas de sus tradiciones, pero la manifestación es parte de la identidad de la comunidad, tomando proporciones que van más allá de Parnaíba. Por lo tanto, el partido está en una atractiva ciudad del futuro turístico y un instrumento de desarrollo social y económico.

Palabras clave: Fiesta de San Antonio de Suru; Santana de Parnaíba; Patrimonio Inmaterial; Partido Popular.

¹ Bacharel em Lazer e Turismo graduada pela Universidade de São Paulo (EACH- USP) e pós graduada em Gestão em Projetos Culturais pelo Centro de Estudos Latino – Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC/ECA-USP). Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira. Email: raysa_hatya@hotmail.com

Sumário

1. Introdução	6
2. Conceitos	7
2.1. Patrimônio imaterial	7
2.2. A Festa como objeto de estudo	8
3. Metodologia	9
4. A cidade e o objeto de estudo	11
4.1. Santana de Parnaíba	11
4.2. A festa de Santo Antônio do Suru	14
5. Considerações finais	18
Bibliografia	20

1. Introdução

Este artigo apresenta como tema as festas populares como patrimônio imaterial brasileiro. Para tanto, o objeto de análise foi a Festa do Santo Antônio do Suru, festa típica da comunidade do bairro do Suru, no município de Santana de Parnaíba no estado de São Paulo.

Foram abordados neste estudo a importância do patrimônio imaterial, para a preservação da identidade comunitária, bem como definição do fenômeno festa como objeto de estudo. Este trabalho teve como objetivo defender a Festa de Santo Antônio do Suru a ser considerada patrimônio imaterial da cidade.

Para isso, usamos de métodos qualitativos de pesquisa, usando de observação descritiva, bem como entrevistas semi-estruturadas com pessoas importantes ao objeto de estudo. A festa foi realizada no dia 15 de junho de 2014, dois dias depois a comemoração do dia de Santo Antônio, e foi organizada pela comunidade católica, bem como os moradores do centro histórico da cidade, além de contar com a ajuda da prefeitura com a infra estrutura e segurança.

Revelando que “a festa sempre será portadora de valores essenciais: a alegria de estar juntos, de caminhar juntos (significado da Procissão) e de comungar a mesma fé” (VIGNERON *apud* CAPONERO, 2009). Por isso, a maioria das manifestações religiosas se dá por ritos e cultos aos santos, que por muitas vezes são de origem portuguesa, sendo a maioria das festas religiosas vinculadas à Igreja Católica. (CAPONERO, 2009).

Desta forma buscou-se entender a dimensão que o patrimônio imaterial ou intangível assume na natureza e na sociedade, nos auxiliando a compreender melhor as visões do passado, presente e futuro. “Ao usufruirmos formas singulares de celebração e conhecimento nós retomamos parte de nossas identidades comuns.” (PELEGRINI; FUNARI, 2008).

2. Conceitos

2.1. Patrimônio imaterial

“Nos últimos anos, o conceito de patrimônio cultural tem adquirido peso no mundo ocidental” (LEITE; MARQUES, 2007), porém, essa concepção passou a considerar “(...) o conjunto dos bens culturais, relacionados às identidades coletivas, manifestações ou testemunhos significativos da cultura humana” (LEITE; MARQUES, 2004).

De acordo com DIAS, 2006:

O patrimônio cultural não material – intangível – é formado por todos aqueles conhecimentos transmitidos, como as tradições orais, a língua, a música, as danças, o teatro, os costumes, as festas, as crenças, o conhecimento, os ofícios e técnicas antigas, a medicina tradicional, a herança histórica, entre outros.

A questão do patrimônio imaterial ou intangível vem conquistando seu espaço nas políticas de preservação do patrimônio cultural. Segundo FONSECA (2003), esse espaço que os bens imateriais vêm tomando nas políticas públicas se dá devido ao

(...) interesse em ampliar a noção de “patrimônio histórico e artístico”, entendida como repertório de bens, ou “coisas”, a qual se atribui excepcional valor cultural, o que fazem esses bens serem merecedores de proteção por parte do poder público.

O patrimônio material não se desvincula do patrimônio imaterial e vice versa. “Pode-se observar que o patrimônio imaterial ocorre em interação plena com expressões da cultural material.” (CAPONERO, 2009).

Para LEITE (2011), “os bens culturais estão, portanto, impregnados de sentidos que vão além de sua materialidade (...) não há bem cultural de natureza imaterial que não se materialize de alguma forma, mesmo que frugalmente”.

As festas populares se encaixam nesta nova concepção, de acordo com o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, as festas populares são práticas inseridas no patrimônio imaterial ou patrimônio intangível.

A Unesco define Patrimônio Cultural Imaterial, “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são

associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana” (IPHAN, 2011).

Desta forma, podemos pensar nas festas brasileiras como um recurso a ser considerado patrimônio imaterial brasileiro.

2.2. A Festa como objeto de estudo

Segundo FERREIRA (2005), a “festa é um singular objeto de estudo, contemplado por especialistas de todas as correntes. É tão significativo para o homem, como ser comunicativo e social (...)”

Segundo GUARINELLO *apud* CAPONERO (2009): “festa é um termo vago, derivado do sendo comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas”. Apesar de festa ser entendida pelo senso comum como um momento de celebração, com muita alegria e liberdade, academicamente deve-se superar este senso, procurando entender as festas, como fatos sociais, antropológicos que tem suas raízes na cultura brasileira.

As festas católicas têm presença marcante na cultura brasileira, pois “além da liberação momentânea, as festas apresentam um caráter ideológico uma vez que comemorar é, antes de tudo, conservar algo que ficou na memória coletiva.” (MOURA, 2005). Os símbolos e a dramatização sempre defendem uma crença, toda festa envolve uma história onde há interesses espirituais e materiais.

A maior parte das festas populares são as festas profano – religiosas, “(...) sendo a rua o grande palco onde ocorrem as ações sociais. Há desse modo, uma apropriação do espaço de diferentes formas.” (ROSA, 2002). Neste contexto, essa é a hora que, muitas vezes, a periferia se torna o centro onde todos estão participando da mesma celebração, “(...) nesse relacionamento ocorrem reconstruções e redefinições da configuração do espaço, há mobilizações para o convívio entre as

pessoas, além de outros fenômenos sociais que merecem ser estudados.” (ROSA, 2002).

As festas populares também podem ter o papel de recurso à disposição do desenvolvimento econômico da comunidade, “(...) capaz de gerar emprego e renda, está associada ao crescimento do turismo e à necessidade faz pessoas conhecerem cada vez mais a diversidade cultural das regiões (...)” (DIAS, 2006).

No caso específico das festas religiosas, nem sempre é conservada a autenticidade de sua origem e celebração, “mas constituem-se num dos principais atrativos turísticos do Brasil, tanto nos grandes centros como nas cidades mais humildes.” (MOURA).

“Após vários séculos de estreita simbiosis entre o sagrado e o profano, atualmente estas manifestações projetam no cenário da pós modernidade toda a força de suas raízes, as quais, sobrepondo-se aos limites da liturgia e da fé católicas, identificam as verdadeiras faces da cultura como prática cotidiana e como expressão comunicativa” (FERREIRA, 2005)

Independentemente da forma, tradicional ou inventada, “(...) a festa exerce função que muda ou permanece conforme as épocas, grupos de interesses, podendo ser compreendida como símbolo nacional (...)” (ROSA, 2007).

3. Metodologia

Para realização dessa pesquisa foram usados procedimentos de caráter qualitativo, porém levando em consideração dados de caráter quantitativo que pudessem contribuir para a realização do trabalho.

Para tanto, foi executada uma pesquisa exploratória, devido à pouca literatura disponível sobre o assunto. De acordo com Sampieri; Collado e Lucio:

(...) quando ‘o objetivo é examinar um tema ou problema de pesquisa, pouco estudado, do qual se tem muita dúvida ou não foi abordado antes’. Em outras palavras, quando a revisão de literatura revela que há temas não pesquisados e idéias vagantes relacionadas com o problema de estudo; ou seja, se desejarmos pesquisar sobre alguns temas e objetos com base em novas perspectivas e ampliar os estudos já existentes. (*apud* CAPONERO, 2009, p. 28).

Assim, foi realizada uma revisão bibliográfica e de fontes secundárias para falar sobre a festa em Santana de Parnaíba, sendo boa parte do material coletado diretamente de arquivos da Prefeitura da Cidade, mais especificamente do Museu de Memória e Integração de Santana de Parnaíba – CEMIC.

Além disso, para poder compreender melhor a festa e sua identidade usou-se de registros da memória de seus participantes. Para isso, foram executadas entrevistas abertas semi-estruturadas, combinando perguntas abertas e fechadas.

Segundo Boni e Quaresma, 2005:

O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele.

Essa técnica, além de permitir uma maior interação entre o pesquisador e o entrevistado, permite que o pesquisador delimite o volume de informações obtendo um maior direcionamento para o tema de pesquisa, podendo buscar seus objetivos de forma mais clara. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Foi realizada também uma pesquisa de campo onde foram usadas das técnicas observacionais e descritivas, pois:

A observação é uma técnica de coleta de informações, dados e evidências que utiliza os sentidos para obtenção de determinados aspectos da realidade. Toda observação deve ser precedida de alguma teoria que lhe dê fundamentos e embasamento suficiente para que a técnica seja adequadamente aplicada aos propósitos do estudo. (MARTINS; THÉOPHILO *apud* CAPONERO, 2009, p. 31).

Registros fotográficos também foram realizados, pois segundo Caponero (2009, p. 31) as sensações, impressões e percepções próprias do pesquisador deverão ser levadas em conta, permitindo esboçar alguns traços da realidade e contribuindo para os resultados finais da pesquisa.

4. A cidade e o objeto de estudo

4.1. Santana de Parnaíba

Em expedição determinada por Mem de Sá em 1561, descendo o rio Tietê, Manoel Fernandes Ramos fixou-se num local encachoeirado, chamado pelos índios de Parnaíba que significa “lugar de muitas ilhas”. Manoel formou uma fazenda onde construiu uma capela em homenagem a Santo Antônio.

Casando-se com Suzana Dias, neta de João Ramalho, Manoel Fernandes Ramos, foi pai de vários filhos. André Fernandes foi o primogênito e após sua morte reconstruiu a capela, agora dedicada a Sant’Ana, conseguindo da Prelazia do Rio de Janeiro seu provisionamento. Constituiu-se assim, oficialmente, a fundação do povoado de Parnaíba em 1580. (IBGE, 2013).

Surgida no primeiro século de povoamento em 1580 (MAGNANI, 2007), apenas 80 anos depois da descoberta do Brasil, Santana de Parnaíba se destaca como importante vila colonial em 1620², sendo reconhecida como importante ponto de saída das bandeiras devido a sua localização estratégica, entre o Rio Tietê e a antiga rota indígena de penetração para o Mato Grosso e Goiás (MAGNANI, 2007).

Sua localização estratégica (...), foi fundamental para garantir-lhe a condição de um dos mais importantes pontos de partida das entradas das bandeiras do período, o que lhe valeu (...), a ascensão à categoria de vila em 1625- prerrogativa, na época, somente concedida (dentre os povos localizados serra acima (...)) (CONDEPHAAT, 1980).

Durante um século a cidade propiciou o desenvolvimento de comércio como pousadas e tropas de burros para transporte de cargas, tendo uma economia significativa.

Em meados do século XVII, três novas vias foram abertas ligando São Paulo a Sorocaba, Itu e Jundiáí, fazendo com que o paulistano não precisasse mais passar pela cidade para chegar ao seu destino, Santana de Parnaíba entrou num longo processo de estagnação (MAGNANI, 2007). A vila continuou nesse processo de estagnação durante o ciclo da cana de açúcar, na metade do século XVIII, e com o ciclo do café, em meados do século XIX. (CONDEPHAAT, 1980).

² Informação retirada de *Santana de Parnaíba: Revitalização do centro histórico*. Documento realizado pela Secretária de Estado e Cultura/CONDEPHAAT, 1980.

O terreno acidentado, antes fator de sucesso, transformou-se em fator de dificuldade para seu desenvolvimento, pois era “impróprio à implantação e operação das novas modalidades de transportes – carros de boi e ferrovias (...)” (CONDEPHAAT, 1980). Mesmo com a iniciativa do poder público local de conservar a ligação que a vila tinha com os principais centros comerciais da época, os caminhos consolidados como rota do transporte de açúcar e café produzidos pela Província e os trajetos ferroviários implantados no final do século XIX não passaram por Parnaíba, condenando a próspera vila colonial a ficar à margem do processo do desenvolvimento econômico. (CONDEPHAAT, 1980).

Com a inauguração da represa Edgar de Souza, em 1901, pela “São Paulo Tramway, Light & Power Co. Ltd”, a população de Parnaíba aumentou, sendo assim elevada à categoria de cidade em 1906. Mesmo com esse crescimento, a cidade não conseguiu se recompor e seguir com seu desenvolvimento econômico, impossibilitada também de se beneficiar do surto industrial ocorrido na região na década de 1950 (CONDEPHAAT, 1980). Nesta época, sua topografia já não era mais um obstáculo para seu desenvolvimento, já que os carros movidos à combustão eram mais flexíveis. Neste momento, o grande fator que dificultava seu desenvolvimento era sua localização, não propícia à estruturação industrial, que procurava áreas mais desenvolvidas da região. Assim, Santana de Parnaíba manteve-se, até a década de 1970, restrita às atividades de subsistência.

A partir do final da década de 1970, e meados da década de 1980, com o processo de descentralização industrial da Região Metropolitana de São Paulo, as indústrias passaram a procurar lugares mais distantes do interior de São Paulo para se instalarem e Santana de Parnaíba passa a sentir os efeitos da metropolização, passando a ter um envolvimento mais significativo “na trama das relações econômicas polarizadas pela Capital”. (CONDEPHAAT, 1980).

Com a melhoria das condições da estrada SP 312 e com a abertura de duas importantes vias de penetração para o interior, a Anhanguera e a Castelo Branco, Parnaíba passa novamente, por um momento de desenvolvimento que, principalmente nos últimos 25 anos, traz conseqüências profundas para a dinâmica do município. (MAGNANI, 2007)

Com o desenvolvimento das vias de acesso, vieram as ocupações de grandes indústrias ao longo das rodovias e, conseqüentemente, um massivo incremento

populacional da cidade, fortificando assim a especulação imobiliária, “expulsando os pequenos sitiantes e destinados, principalmente chácaras e casas de veraneio” (MAGNANI, 2007).

Portanto Parnaíba apresenta hoje contornos diferenciados: traços de cidade industrial, dormitório e de veraneio coexistem com características de pequena cidade de interior que mantém ainda um patrimônio cultural diferenciado, produto de quatro séculos de existência. (MAGNANI, 1984).

Atualmente, a cidade tem uma área aproximada de 179 Km² e possui 120.998 habitantes (IBGE, 2013), parte de sua população trabalha no comércio e a maioria usa a cidade como “cidade dormitório”, ou seja: tem suas residências lá, porém trabalham em outras cidades ou municípios.

Parnaíba vem crescendo e de dez anos para cá vem aprimorando seu programa voltada ao turismo.

A localização a aproximadamente 40 quilômetros do marco zero da capital paulista, torna inusitada a manutenção de uma identidade própria. Por outro lado, limita a atividade turística por localizar-se muito próxima ao que seria seu núcleo emissor natural, utilizando a terminologia de Lemos (2001) o limite é proveniente da escassez de investimento em produtos complementares, importantes na geração de emprego e renda para os pólos turísticos. (CUTER; BAPTESTONE, 2010).

Segundo CUTER E BAPTESTONE (2010), Santana de Parnaíba é um importante núcleo de recepção de excursionista, de acordo com a definição que Mario Beni (2004) faz desse seguimento. “Visitantes temporários que permanecem menos de vinte e quatro horas no local visitado, este tipo de turista tem menores impactos econômicos na comunidade”. Segundo o CONDEPHAAT, 1982:

Além do conjunto histórico-arquitetônico, por si só suficientes para dar à cidade um significado especial e conferir-lhe um poder de atração diferenciado em relação aos demais centros urbanos do Estado, Santana possui também um apreciável acervo de manifestações culturais e artísticas típicos, o qual é preciso igualmente preservar. Pouco estimuladas, difundidas e conhecidas pelo público maior, estas manifestações correm sérios riscos de diluírem-se em atividades cada vez mais descaracterizadas e destituídas de significado positivo para a comunidade local. Há que se estimulá-las, de modo a motivar o seu prosseguimento e reintegração ao contexto de relações central e mais dinâmico da cidade. (...) E ainda que Santana não tenha modificado tanto quanto a maior parte das cidades estaduais, ou mesmo brasileiras, os processos sócio-econômicos que se deram em seu interior foram suficientes para provocar certo desligamento entre as atividades culturais tipicamente locais e o núcleo primitivo em que

antes se movimentavam. (...) Este distanciamento é um dos grandes responsáveis pela perda progressiva da força e da vitalidade, necessários não só à sobrevivência das manifestações, mas principalmente, à conservação de sua beleza e riqueza de criações originais.

Se autodenominando “Berço dos Bandeirantes”, vem promovendo não só o Centro Histórico, mas festas religiosas e profanas como: a de *Corpus Christi*; o Drama da Paixão; a Festa de Sant’Ana, padroeira da cidade; a Festa de Aniversário da Cidade; a Festa de São Sebastião e São Benedito; a Festa de 7 de Setembro; a Festa de São João, o Carnaval, os Festivais de Música e a a Festa de Santo Antônio de Suru, objeto da pesquisa. Com essas e outras importantes manifestações locais, caracteriza-se a importância de se preservar este legado, “visando o benefício da comunidade local e gerando efeito multiplicador para impulsionar o verdadeiro desenvolvimento econômico e fortalecer as atividades locais.” (CUTER; BAPTESTONE, 2010).

4.2. A festa de Santo Antônio do Suru

O bairro do Suru se localiza aproximadamente há 5 km do centro histórico de Parnaíba. Originado das pequenas colônias de trabalhadores de sítios e fazendas, este bairro foi um dos primeiros da cidade. Hoje ainda é considerado um bairro rural e vive de pequenas e médias plantações, principalmente de hortifrúti.

A estrada ecológica do Suru é a principal via do bairro e a única via para o centro de Parnaíba, que também dá acesso à rodovia Castelo Branco. No meio do caminho encontramos a capela de Santo Antônio do Suru, a cidade não tem informação de quando essa capela foi construída, mas os mais velhos do centro histórico dizem que a capela está lá desde os primórdios da cidade.

Em 16 de dezembro de 1997 a capela foi tombada pela Lei nº. 1.840 (Plano Diretor de Santana de Parnaíba 2005/2006), devido a sua precária condição e tamanho, foi construída ao seu lado uma capela um pouco maior que comporta aproximadamente 50 pessoas sentadas. Hoje é usada pelos fiéis apenas a construção mais recente e a capela original, que se encontra ao lado, permanece apenas para visitação.

A festa parnaibana acontece há 101 anos, antigamente a tradicional procissão saía da frente da Igreja Matriz Santa Ana, localizada no centro histórico de Parnaíba bem cedo, uma imagem de Santo Antônio era carregada por uns dos participantes em direção a imagem original que ficava na capela. A procissão não tinha apenas pessoas a pé, tinham gente a cavalo e a carros de boi também. A imagem de Santo Antônio foi roubada há alguns anos atrás e não foi encontrada. Na capela hoje, foi recriada a imagem nos mesmos padrões. Chegando a Capela de Santo Antônio do Suru então era rezada uma missa, depois os fiéis sentavam em volta da capela e comiam o que traziam consigo como em um grande pique nique e então havia um baile que ia até o final da tarde³.

Este ano a festa aconteceu no dia 15 de junho de 2014, sempre no final de semana seguinte ao dia de Santo Antônio (12 de junho) e observamos que atualmente há duas manifestações que marcam a festa. A primeira é a procissão a pé que sai da Igreja Matriz no centro histórico por volta das 07h00, que já não é mais tão grande como antigamente, neste ano foi observado um pequeno grupo de aproximadamente 40 pessoas que rezou um Pai Nosso e uma Ave Maria atrás da Igreja Matriz, localizada no centro histórico, e foi em direção a capela, levando consigo a tradicional imagem do Santo Antônio. Chegando lá o grupo sorteia a imagem que levaram para um dos participantes e logo o padre da Igreja Matriz reza uma missa rápida em homenagem ao santo. A missa foi cheia, a capela não comportou o número de pessoas e o público se aglomerou em volta da capela.

A segunda manifestação é a mais esperada de todas, por volta das 10h30 alguns cavaleiros do bairro, e também de cidades vizinhas como Pirapora, se reúnem em frente à Igreja Matriz em direção a capela. Por volta das 11h30 o entorno da capela de Santo Antônio do Suru está repleto de pessoas de todas as idades para ver a romaria, Elísio Marques da Silva, vai à frente dos romeiros levando uma bandeira com a imagem do santo desde os primórdios da romaria, que acontece há 27 anos. “Sou devoto de Santo Antônio e carrego com orgulho sua bandeira. Participo há anos e pretendo participar até quando Deus permitir. No trajeto vou parando para que as

³ Informações retiradas de um documento não identificado fornecido pelo CEMIC – Centro de Memória e Integração Cultural. Com o título de “*A Tradicional Romaria ao Suru*”, sem data, a nota foi escrita por *Elisa Panaroni*.

pessoas que não podem nos acompanhar cheguem perto do estandarte e façam sua oração”. (Jornal O Repórter Regional, 02 de julho de 2014).

Neste ano havia aproximadamente 100 cavaleiros da cidade e de cidades vizinhas celebrando a festa, o chamado “mar de cavalos” chegou muito animado e depois da chegada do grupo a festa começou, com barraquinhas de comida variadas, o famoso bolo de Santo Antônio, barraquinhas de brincadeiras e balões, uma festa junina completa. Neste ano também puderam contar com um pequeno palco cedido pela prefeitura da cidade, onde houveram apresentações de música sertaneja e alguns sorteios de brindes.

A estrutura da festa é pequena, para aproximadamente mil pessoas, as “barraquinhas” eram simples e a festa é feita em torno da capela, um local à beira de um brejo e chão de terra batida. A festa é organizada pela comunidade católica em parceria com a prefeitura por meio da Secretaria de Cultura e Turismo.

Durante a festa foi possível observar pessoas de todas as idades dependendo do “momento”. Como a celebração começa muito cedo com a procissão e a missa, percebeu-se pessoas de mais idade, algumas com famílias inteiras das três gerações. Na procissão não havia jovens, o grupo é pequeno, organizado por uma pessoa que vive e tem uma confeitaria no centro histórico de Parnaíba, “eu venho nessa festa desde pequenininha com a minha avó, organizo a procissão porque quase ninguém mais quer fazer, poucas pessoas da comunidade se interessam ainda, mas acho importante mostrar aos meus netos”.

Um pouco antes dos romeiros chegarem, além daqueles que vieram para a missa também percebeu-se mais famílias com crianças pequenas, afim de ver o “mar de cavalos”, esse público fica na festa até o meio da tarde, depois disso percebe-se a presença dos mais jovens na festa, em um momento que a celebração religiosa já não faz parte, e assim vai até o seu fim no final da tarde, regada a comidas típicas de festa junina, este ano contou com sorteio de celas, tablets e aparelhos televisores. Além das atrações musicais do gênero sertanejo, como a dupla “Os mato-grossenses”.

A festa, apesar de pequena perto daquelas realizadas na cidade, é de extrema importância para a preservação cultural de um bairro específico da cidade, foi observado que a maior parte dos participantes são moradores do bairro do Suru e do centro histórico, todos ali se conheciam, a comunidade católica participante das

atividades da capela e da Igreja Matriz do centro de Parnaíba se juntam para a organização da celebração. Porém há figuras-chaves para que a festa continue com suas tradições, como o senhor Elísio que começou a romaria de cavalos 27 anos e continua à frente da cavalaria todos os anos. “Não perco essa romaria por nada, sou devoto de Santo Antônio, tanto que fiz questão de me casar no seu dia, portanto tenho muitos motivos para agradecer e comemorar, ao lado da minha família e amigos”.

O padre João Lucio Prado, padre da Igreja Matriz, que celebrou a missa em homenagem ao santo casamenteiro diz que a festa também é muito importante para a comunidade católica. “Para a comunidade católica essas celebrações do mês de Junho são muito importantes, como Santo Antônio, São João e São Pedro. Aqui na comunidade do Suru, estamos celebrando essa comemoração em louvor a Santo Antônio há muitos anos, e a igreja se alegra de ver tantas pessoas devotas, participando deste dia, agradecendo seus milagres recebidos e recebendo a benção desse santo querido”.

A celebração tem como sua principal característica a comunhão em família, foram observadas famílias inteiras de todas as gerações aproveitando as atividades: os avós na procissão, os pais chegando apenas para a missa e os mais jovens ficaram até mais tarde para aproveitar a música. Muitas dessas famílias são da cidade, mas também foi observado muitas pessoas de fora da comunidade parnaibana, quando questionados sobre o porquê estarem frequentando a festa, muitos deles indicaram o ambiente familiar um dos principais motivos, “gosto muito desta festa, por ter esse caráter familiar, tanto que estou aqui com amigos e meus familiares, esta é a segunda vez que participo e espero voltar o ano que vem”, diz uma das entrevistadas.

Os participantes também mostram suas preocupações com a preservação das tradições da festa, principalmente aquela que marca a festa de Santo Antônio do Suru, a romaria de cavalos. “O trajeto acaba até sendo curto, um trajeto de aproximadamente 6km, entre o centro e a capela do Suru, mas eu acho que é uma tradição que jamais pode ser esquecida, ou perdida, ou até mesmo perder o brilho porque as pessoas mais antigas tinham a cultura de fazer essa romaria, as mais novas se não forem atraídas, não farão e daqui um tempo não terá mais romaria do Suru, eu acho que a prefeitura tem aí quase a obrigação de investir na atração, hoje nós temos um número de cavaleiros pequeno, já teve mais. Mas é assim mesmo, um ano tem mais outro ano tem menos, mas é bem legal, acho interessante participar”.

Apesar de alguns elementos da festa se adaptarem com o passar do tempo, ela é realizada tradicionalmente há 101 anos, e a data nunca foi deixada de ser comemorada, alguns anos com mais pessoas, alguns anos com menos pessoas, a procissão, a romaria e a festa junina nunca foram deixadas de serem realizadas. A festa foi se adaptando com os anos, e de certa forma foi se reinventando também, as tradições não foram de todo perdidas e assim a Festa do Suru se caracteriza como uma festa exclusiva a comunidade parnaibana.

A capela de Santo Antônio do Suru é um marco não somente a comunidade católica da cidade, mas também símbolo que marca o começo de um município inteiro.

5. Considerações finais

Neste artigo abordamos a festa como objeto de estudo e como patrimônio imaterial de uma comunidade. Deste modo o objeto de pesquisa foi a Festa do Santo Antônio do Suru, festa tradicional carregada de simbolismos e significado a comunidade parnaibana.

O objetivo deste artigo foi demonstrar como o fenômeno festa poderia ser considerada um objeto de estudo, bem como a necessidade de maiores estudos sobre o objeto de pesquisa para que o mesmo seja considerado patrimônio imaterial da cidade, contemplando a festa como uma categoria cultural de uma comunidade, podendo assim, se tornar um potencial atrativo turístico para o município.

Segundo FERREIRA (2005), para examinar a festa como categoria da cultura é necessário abordar dois aspectos. O primeiro é a capacidade da festa trazer para os tempos atuais, as experiências culturais outrora vivenciadas por determinada população. O segundo aspecto refere-se aos “usos e costumes mais profundos vivenciados pela cotidianidade e entranhados no inconsciente afloram, mostrando a verdadeira face de um povo, moldada através da cultura”.

Dentro desses aspectos é possível retirar os princípios mais significativo em uma cultura, bem como entender esses princípios como uma estratégia de comunicação. Permitindo com que o observador avalie a articulação entre o passado e o presente dentro desta cultura e também avaliar as formas de identidade que são

ressignificadas, assim assumindo novos aspectos. É o que acontece com o objeto de estudo, a comunidade mantém certas tradições, mas a festa tem significados diferentes para cada geração.

Além desses aspectos a festa recria a necessidade da comunidade reencontrar e reconfirmar a própria identidade, já que o homem vive a dialética entre o ser e o fazer, tendo nela uma forma de reação contra o mundo contemporâneo, onde os traços identitários estão cada vez mais indefinidos. “Assim, a festa é um simbólico retorno às origens – uma origem muitas vezes imaginária ou reinterpretada-necessário para garantir a integridade do indivíduo”. (FERREIRA, 2005).

A existência de espaços para manifestação cultural, numa cidade, é importante, pois possibilitam a democratização do conhecimento, o incentivo e proteção da produção cultural e o intercâmbio entre as pessoas e um grupo social, entre diferentes grupos, espaços de excelência da democracia. (LEITE, 2011).

A interpretação do patrimônio, referindo-se a Festa de Santo Antônio do Suru, além de perpetuar a identidade comunitária, traz consigo a capacidade de popularizar a história, a cultura, e futuramente poderá conceder ao turista uma experiência mais intensa com os locais. “Isso constitui um espaço de trocas, no qual vários capitais simbólicos e materiais circulam, promovendo um movimento de mão dupla, beneficiando a todos e agregando valores à localidade”. (LEITE, 2011).

(...) os bens culturais devem ser preservados e estimulados para que (...) possa existir a identidade cultural do cidadão local, o sentido de pertencimento, a noção ética da conservação e da não depredação do que é o público, e o estímulo à continuidade das tradições populares e folclóricas. (LEITE, 2010).

Santana de Parnaíba é cheio de histórias. Nela observam-se resquícios da cultura portuguesa e a festa de Santo Antônio do Suru é uma delas. Por mais que a festa tenha sofrido modificações ela ainda mantém seus objetivos e faz parte da identidade da cidade. Parnaíba vem crescendo e um dos seus potenciais é o turístico, sua administração vem desenvolvendo atividades de lazer e turismo na cidade com o objetivo de atrair os turistas e cabe à cidade desenvolvê-lo de forma sustentável de modo a que não perca suas raízes e tradições para que seu patrimônio cultural seja aproveitado como uma forma de desenvolvimento turístico e social.

Se bem executado e com a ajuda dos moradores do município, que se sentem como parte integrante desta festa, desta cidade, Santana de Parnaíba pode conseguir grandes frutos e oportunidades de desenvolvimento social e econômico.

Bibliografia

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista. Eletrônica dos Pós Graduados em Sociologia Política. UFSC. Vol. 2 nº1 (3). Janeiro-julho/ 2005, p. 68-80. Disponível via URL em:<http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf> Acesso em 18-03-2014.

CAPONERO, Maria Cristina. *Festejando São Benedito: A congada em Ilhabela, recurso cultural brasileiro*. 2009. Disponível via URL <http://dominiopublico.qprocura.com.br/dp/109923/festejando-sao-benedito-a-congada-em-ilhabela-recurso-cultural-brasileiro.html>. Acesso em 23-3-2014.

CEMIC - Centro de Memória e Integração Cultural “Capitã Bertha de Moraes Nérci”. Disponível via URL em <<http://www.santanadeparnaiba.sp.gov.br/culturaeturismo/cemic.html>> Acesso em 18-07-2014.

CONDEPHAAT. *Centro Histórico de Santana de Parnaíba*. Disponível via URL em:<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.bb3205c597b9e36c3664eb10e2308ca0/?vgnextoid=91b6ffbae7ac1210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&Id=a1dc0a5455bac010VgnVCM2000000301a8c0____> Acesso em: 25-7-2014.

CUTER, J. C; BAPTESTONE, R. C. *DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, TURISMO, CULTURA E HOSPITALIDADE: UMA ANÁLISE DO MUNICÍPIO DE SANTANA DO PARNAÍBA/SP*. Revista Eletrônica *Patrimônio: Lazer & Turismo* - ISSN 1806-700X Mestrado em Gestão de Negócios - Universidade Católica de Santos. Disponível via URL em: <[http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Artigo5_v7_n11_jul_ago_set2010_Patrimonio_UniSantos_\(PLT_29\).pdf](http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Artigo5_v7_n11_jul_ago_set2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_29).pdf)> Acesso em: 15/07/2011.

FERREIRA, Maria Nazareth. *As festas populares na expansão do turismo*. São Paulo: Arte & Ciencia. Segunda Edição, 2005.

FONSECA, Maria, C. L. *Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla de patrimônio cultural*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (org.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Lapa, RJ: Lamparina, 2003

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível via URL em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354730>> Acesso em 17-07-2014.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível via URL em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do>> Acesso em 28-06-2014

LEITE, Édson; MARQUES, Jane Aparecida. *Patrimônio Cultural: o registro das Américas nas novas sete maravilhas*. In: AJZENBERG, Elza. (Org.). *América, Américas: arte e memória*. São Paulo: MAC-USP: Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, 2007, v. 1, p. 237-246.

LEITE, Édson. *Turismo Cultural e Patrimônio Imaterial no Brasil*. Vol. 6 Ó Pátria Amanda. Coleção Verde – Amarela. São Paulo: Intercom, 2011.

MAGNANI, José, C. G. *De perto e de dentro. Notas para uma etnografia urbana*. Núcleo de Antropologia Urbana da USP, s/d. Disponível via URL em: <<http://www.n-a-u.org/DEPERTOEDEDENTRO.html>> Acesso em 15-07-2014.

MOURA, Antônio, de P. *Turismo folclóricos no Brasil*. In: FUNARI, Pedro, P; PINSKY, Jaime. (Org.). *Turismo e Patrimônio Cultural*. Coleção: Turismo Contexto. São Paulo: Contexto, 2005 4.ed.

PELEGRINI, Sandra, C.A; FUNARI, Pedro, P. *O que é Patrimônio Imaterial*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PLANO DIRETOR 2005/2006 DE SANTANA DE PARNAÍBA. Disponível via URL em<http://www.santanadeparnaiba.sp.gov.br/planejamento/plano_diretor/prachas/anexo48/Anexo%20A.%2048.pdf> Acesso em 29-07-214.

ROSA, Maria, C. *Festar na Cultura*. In: ROSA, M, C. (org.). *Festa, lazer e Cultura*. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

ROSA, Maria, C. *As festas e o lazer*. In: MARCELLINO, Nelson, C. *Lazer e Cultura*. Coleção estudos do lazer. Capinas: Alínea, 2007.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Hernández; LUCIO, Pilar Baptista. *Metodologia da pesquisa*. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.